

Como repartir o peso das dívidas

"Com a ajuda do Morgan Guaranty, o México está promovendo um plano de troca de parte de sua dívida junto aos bancos estrangeiros por papéis garantidos por bônus do Tesouro norte-americano. Já o Brasil, que durante um ano se negou a pagar juros aos bancos comerciais, muda de atitude e promete cooperar com os credores.

Estes dois itens parecem sugerir que a crise da dívida do Terceiro Mundo avança para uma solução. Mas as boas notícias disfarçam uma realidade sombria. Não podendo contar com novas fontes de capital, quase todos os principais países devedores estão estagnando. Economias amadurecidas para o desenvolvimento estão, na verdade, exportando capitais.

Os Estados Unidos temendo o descontentamento dos bancos preocupados porque um passo em falso poderia abalar a confiança do público no sistema financeiro, relutam em forçar o ritmo para a solução das divergências relativas aos empréstimos. Mas os riscos de uma intervenção oficial são pequenos se comparados com os custos certos de um adiantamento. Além de reduzir as perspectivas de centenas de milhões de pobres do mundo inteiro, o impasse da dívida destrói mercados de importância vital para as economias dos países desenvolvidos.

Não existe à vista uma solução baseada no mercado, mas também não existe um prazo final para que se chegue a um acordo. O caminho mais fácil seria deixar que os credores e os devedores resolvessem seus problemas por conta própria.

Por que não?

Porque esta atitude custaria caro. Os padrões de vida nos principais países devedores caíram em média 11% durante os sete últimos anos. Sem novas injeções de capital, potências econômicas regionais como o Brasil e a Nigéria, não terão chances de se modernizarem. A recuperação do Terceiro Mundo também é de importância vital para se equilibrar a balança comercial dos Estados Unidos. As exportações norte-americanas para a América Latina tiveram queda marcante e não se irão recuperar enquanto a região não tiver acesso ao capital estrangeiro.

Os princípios para uma ampla solução do problema da dívida estão razoavelmente claros:

— O plano do Morgan Guaranty para o México oferece um modelo geral. Os credores terão de comercializar um perdão parcial das dívidas em troca de valores mobiliários líquidos garantidos pelos governos ou pelas agências internacionais.

— Toda a economia dos EUA se beneficiaria com uma resolução global da dívida. Por este motivo, faz sentido desarmar a oposição dos bancos norte-americanos concedendo-lhes vantagens tributárias especiais.

— É razoável pedir que os maiores poupadões do mundo, a Europa Ocidental e o Japão, forneçam a maior parte do capital para o Terceiro Mundo. Não é prático pedir que eles fiquem com uma parcela desproporcional dos riscos. A divisão desses riscos dever ser feita por meio de agências multilaterais de empréstimos, como o Banco Mundial".

**De um editorial
do N. Y. Times**